

DE ORIGINE GENTIS ROMANAE

Sobre a origem do povo Romano



DE ORIGINE GENTIS ROMANAE

Sobre origem do povo Romano

tradução, estudo introdutório, notas

*Heloísa Maria Moraes Moreira Penna*

Edição bilingue

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

De origine gentis Romanae = Sobre a origem do povo Romano [livro eletrônico] / Pseudo Aurélio Victor ; tradução, estudo introdutório, notas Heloísa Maria Moreira Penna. – 1. ed. – Campinas, SP : Mercado de Letras, 2022.

ePub

Ed. bilíngue: português/latim.

Bibliografia.

ISBN 978-85-7591-649-0 [ebook]

1. Roma – História I. Victor, Sextus Aurelius. II. Penna, Heloísa Maria Moreira. III. Título: Sobre a origem do povo Romano.

22-125963

CDD-937.01

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Roma : História 937.01

*capa e gerência editorial:* Vanderlei Rotta Gomide  
*preparação dos originais:* Editora Mercado de Letras  
*revisão final* da tradutora  
*bibliotecária:* Eliete Marques da Silva – CRB-8/9380

Essa obra está sendo publicada com recursos do Edital de Publicações 2021 da Faculdade de Letras/UFMG

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:

© MERCADO DE LETRAS®

VR GOMIDE ME

Rua João da Cruz e Souza, 53

Telefax: (19) 3241-7514 – CEP 13070-116

Campinas SP Brasil

[www.mercado-de-letras.com.br](http://www.mercado-de-letras.com.br)

[livros@mercado-de-letras.com.br](mailto:livros@mercado-de-letras.com.br)

1ª edição

2022

FORMATO DIGITAL

BRASIL

---

Esta obra está protegida pela Lei 9610/98.  
É proibida sua reprodução ou armazenamento parcial ou total ou transmissão de qualquer meio eletrônico ou qualquer meio existente sem a autorização prévia do Editor. O infrator estará sujeito às penalidades previstas na Lei.

---

*Multa, inquit, in hac urbe temere sperata  
atque praesumpta felicissime proventura sunt.*

(Pseudo Aurélio Victor,  
*Origo Gentes Romanae*, 23 [4])

*Nesta cidade, muitos fatos ainda que não esperados  
ou conjecturados haverão de vir de forma muitíssimo favorável.*

(Pseudo Aurélio Victor,  
*A Origem do Povo Romano*, 23 [4])



## Sumário

<i>DE ORIGINE GENTIS ROMANAE</i> DO PSEUDO	
AURÉLIO VICTOR: BREVE INTRODUÇÃO .....	9
Da obra e do autor .....	9
Do conteúdo .....	16
Das origens de Roma e dos Romanos .....	18
Revisando os relatos: Impius Aeneas .....	20
Personagens e lugares da Itália primitiva .....	22
Eneias na Itália .....	24
A saga da família real de Eneias .....	26
Considerações sobre a contribuição do livro .....	29
Sobre a tradução do texto .....	32
Observações sobre o texto da edição teubneriana .....	32
 <i>DE ORIGINE GENTIS ROMANAE</i> .....	36
<i>SOBRE A ORIGEM DO POVO ROMANO</i> .....	37
 NOTAS .....	82
 ÍNDICE ONOMÁSTICO LATINO DO LIVRO <i>DE ORIGINE GENTIS ROMANAE</i> .....	95
 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	103



## *De Origine Gentis Romanae* do Pseudo Aurélio Victor: breve introdução

### *Da obra e do autor*

O século IV a.C., para a historiografia em latim, é uma época em que se vê abundar epítomes e breviários.<sup>1</sup> Com acentuados caracteres tradicionalistas, essa época se torna idônea a construir uma espécie de inventário, de balanço global do pensamento histórico romano, pois se configura como sedimentação da reflexão do passado, redução a sumário daquilo que já foi escrito, uma verdadeira ‘literatura de breviários’ (Musti 2010, p. 247). Após longa tradição de

---

1. Existiu, no século IV, uma tradição epitomatória latina cujos exemplos são as obras escritas por Aurélio Vítor, Eutrópio e Festo. Segundo Antikeira (2012, p. 44-47), “os livros compostos pelos referidos autores teriam por função primordial a perpetuação do conhecimento acerca do passado romano, atendendo às necessidades de uma nova classe governante imperial que emergiu no bojo das alterações políticas e sociais que marcaram o Império a partir do final do século III”. Essas obras breves e objetivas davam uma ideia geral da história romana para os que não a conheciam (soldados e senadores de Constantinopla, por exemplo) e ajudavam a preservar a tradição cultural ocidental do Império Romano, já em vias de eminente risco de desaparecimento nos “interstícios dos tumultos militares e políticos que se avolumaram no século V”. Também esses breviários eram escritos, em geral, por homens com cargos públicos e sem tempo de se dedicar a longas narrativas, com o intuito de “promover e difundir, de modo simples e pragmático, o conhecimento sobre os fatos e personagens mais importantes da história romana”.

extensas obras, como a de Tito Lívio [59 a. C.-17], *Ab urbe condita*, com 142 livros, em que o autor tratou a história romana desde a fundação da cidade de Roma até seu tempo, viu-se a necessidade de, em revisão desse repertório e de outros de tamanho considerável, dar acesso, a um público já distante dos acontecimentos e envolvido na governança do Estado, a informações sobre os principais acontecimentos e personagens ícones da história romana. As circunstâncias políticas e a situação cultural do Império da Antiguidade Tardia<sup>2</sup> se prestavam a isso, pois os imperadores da época, Constâncio II [316-340] e depois dele Juliano [332-363], estimulam junto aos funcionários do Império o gosto pelas letras (Dufraigne in Aurelius Victor, 1975, p. XLI). Essas obras de consulta rápida e fácil são conhecidas como epítome ou *breviarium*. A primeira nomenclatura, de origem grega (epítome <Επιτομή>), trata-se, segundo Dufraigne in Aurelius Victor (1975, p. XLI), de resumo de obra existente que poderia ser desenvolvido com o auxílio de outras fontes; já a segunda, de origem latina, *breviarium* indicaria um resumo mais autoral, específico da história romana desde suas origens e a partir de fontes diversas.

A *De Origine gentis Romanae*,<sup>3</sup> “Sobre a origem do Povo Romano”, (doravante *OGR*), é constituída de 23 bre-

---

2. Segundo conceito registrado na *Oxford Bibliographies*, “A Antiguidade tardia, aqui definida como o período entre a ascensão de Diocleciano em 284 EC e o fim do domínio romano no Mediterrâneo, é um dos períodos mais emocionantes da história antiga. Desde a década de 1960, sua descrição como um período de declínio e queda foi seriamente contestada e, apesar de uma recente controvérsia sobre sua periodização, a Antiguidade Tardia é agora concebida como uma era de múltiplas transformações: políticas, econômicas, sociais, religiosas e culturais”. Todas as traduções de obras estrangeiras citadas são de minha responsabilidade.

3. O título do opúsculo varia entre duas formas: *De origine gentis*

ves capítulos que, com o *De uiris illustribus urbis Romae* e o *Aurelii Victoris historiae abbreviatae*, ou *Caesares*, constitui em dois manuscritos (*Codex Bruxellensis* e o *Codex Oxonienses*) um *corpus*, do qual, como primeiro, encabeça o conjunto. Tal *corpus*, um *breviarium*, segundo conceito supracitado, se caracteriza como uma “curta crônica da cidade de Roma que se desdobra em três partes (tempos primitivos e época real, República, época imperial), que vai do rei lendário Pico até o imperador Licínio, morto em 324” (Herzog et Schmidt 1993, p. 211). Diante dessa sequência mítico-histórica, Momigliano (1958, p. 177) localiza a produção da *OGR* na primeira metade do século IV e sua inserção, por um compilador externo, no corpus tripartite pouco depois de 360.<sup>4</sup> É, no próprio prefácio, denominado *titulus*, da *OGR*, que um certo compilador/redator sintetiza a natureza e as fontes do *corpus* tripartite:

A origem do povo romano desde os fundadores Jano e Saturno, passando pelos reis que os sucederam, até o décimo consulado de Constantino. Obra composta a partir de autores como Vérrio Flaco, Antias, (melhor que a forma Antia, como de fato, o mesmo Vérrio a preferiu) além disso baseada nos *Anais dos Pontífices*, em seguida nas obras de Cíncio, Inácio, Verácio, Fábio Pictor, Licínio Macro, Varão, César, Tuberão e ainda de toda a história dos antigos

---

*Romanae* e *Origo Gentis Romanae*. A primeira forma tem a vantagem de vir preposicionada indicando que se pretende falar algo a respeito de um tema tão vasto que é a origem do povo romano. O ablativo “de assunto” *De origine* promove esse recorte, já o nominativo *origo* pode gerar uma falsa expectativa de esgotamento do tema tratado.

4. Os parâmetros cronológicos da composição da *OGR* podem variar de 360-400 e com respeito à formação do *corpus* como um todo, de 360 a 580. Banchich in *Origo Gentis Romanae* (2004, p. ii).

do mesmo modo como cada um dos modernos asseverou, isto é, tanto Lívio quanto Victor Afer.<sup>5</sup>

A inscrição do *titulus* nos autoriza a pensar que o nome da obra valeria para todo o corpus tripartite, uma vez que, com o conjunto, pretende-se cobrir a história de Roma até os tempos do escritor da *Historiae abbreviatae* (séc. IV) e o sentido da palavra *origo* tem em latim tardio, o significado de ‘história’ (Momigliano, *apud* Richard in *Pseudo-Aurelius Victor* 1983, p. 9). Mas, baseando-se nos manuscritos que formam o *corpus* em que cada uma das três obras tem seu próprio nome, consideraremos a *OGR* como denominação específica da primeira.

Seu autor é chamado de Pseudo Aurélio Victor em razão de a *OGR* estar inserida em um conjunto em que há um autor identificado com sua obra - *Aurelii Victoris historiae abbreviatae* – o Aurélio Victor<sup>6</sup> com suas *Histórias abreviadas*. No entanto, as outras duas que compõem o *corpus* não são de sua autoria, daí o epíteto de *Pseudo* para Aurélio Victor, pois ele não seria, de fato, o autor nem da primeira obra, *OGR*, nem da segunda, *De uiris illustribus urbis Romae*. Costuma-se chamá-lo também de anônimo, mas pode-

---

5. *A Iano et Saturno conditoribus, per succedentes sibimet reges, usque ad consulatum decimum Constantii, digesta ex auctoribus Verrius Flacco, Antiate (ut quidem idem Verrius maluit dicere, quam Antia), tum ex annalibus pontificum, dein Cincio, Egnatio, Veratio, Fabio Pictore, Licinio Macro, Varrone, Caesare, Tuberone, atque ex omni priscorum historia; proinde ut quisque neotericorum asseveravit, hoc est et Livias et Victor Afer.*(*Origo Gentis Romanae* - From the edition of Franz Pichlmayr: Teubner 1911).

6. “Nos meados do século IV depois de Cristo, um autor de língua latina chamado Sexto Aurélio Vitor redigiu uma narrativa que contemplava a história do Império romano, desde a batalha de Ácio, ocorrida em 31 a.C., até o penúltimo ano do reinado de Constâncio II (337-361)” (Antiqueira 2012, p.15).

se defini-lo como um erudito, conhecedor do grego e do latim, versado em etimologia e toponímia, leitor detalhista da *Eneida* e de seus comentadores, estudioso dos escritores da época arcaica e clássica da literatura latina (II a.C. a I d.C.), consultor dos livros pontificais e pesquisador dos escritos dos historiadores gregos e latinos a respeito das lendas de origem do povo romano. A lista de autores, em sua maioria analistas ou antiquários, presente no supracitado prefácio/*titulus* que, como alguns indicam,<sup>7</sup> não teria sido escrito pelo autor anônimo da *OGR*, mas por um posterior compilador/redator do *corpus* tripartite. No *titulus*, o compilador busca ranquear alguns escritores que aparecem nas três obras reunidas e este ranque, embora substancial, não abrange todos os autores que aparecem na *OGR*, como Tito Lívio [59 a.C.-17], Salústio [86-34 a.C.], Pisão [?-65] e Catão, o velho [234-149 a.C.] e traz outros que não pertencem à produção, como o último autor citado pelo compilador, “Victor Afer”, que seria o próprio Aurélio Victor [c.320-c.390], o africano, único com assinatura reconhecida numa das obras do *corpus tripartite*. Além disso, fornece nomes de antiquários como *Aufidius* em **18** [4]; *Domitius* em **12** [1 e 3] e em **18** [4]; *Egnatius* em **22** [6]; e *Vulcatius* em **10** [2]<sup>8</sup> que representam, ainda hoje, um desafio de identificação: muita pesquisa já foi feita para o reconhecimento confiável de todas essas fontes.<sup>9</sup>

- 
7. Richard in Pseudo-Aurélius Victor (1983, pp. 33-38) discute a questão e cita muitos autores que comungam a ideia de um compilador separado do autor da *OGR*. Entretanto, ele cita também P. L. Schmidt que teoriza a favor de uma mesma identidade para os dois.
  8. Os números em negrito fazem referência aos capítulos da obra e, os entre colchete, aos parágrafos desses capítulos.
  9. Esses estudos exaustivos encontram-se analisados e citados por Richard in Pseudo-Aurélius Victor (1983, pp. 105-181, nas *Notes Complémentaires*); por Smith, (2005, pp. 89-99) e Momigliano (1958, pp. 177-178).

O trabalho desenvolvido na *OGR* é “profundamente doxográfico ou paródico” (Smith, 2005, p.100) no que concerne, principalmente, à discussão e interpretação das versões de suas fontes em determinado episódio descrito. Para escrever essa obra, o Pseudo Aurélio Victor empregou diversas técnicas de entrelaçamento e de fusões de versões. A *contaminatio* é uma delas em que o autor, em sua tessitura textual polifônica, combina versões semelhantes de autores diferentes para construir, assim, uma própria. No parágrafo 7, como nota Richard (*in* Pseudo-Aurélius Victor, 1983, p. 127), o autor reúne duas versões coroadas por um final comum no episódio do gigante Caco. Há, pois, na *OGR* uma mistura de tradições, às vezes, radicalmente diferentes, mas não excludentes, e outras tantas concordantes, tomadas emprestadas de escoliastas e historiadores preferidos do autor. Há também inovações, oriundas da criatividade do autor, como a etimologia que ele sugere para Jano <Jon (filho do deus Apolo), em 2 [1-4], embora sem citar o nome do deus Jano, apenas o local proveniente de seu nome, Janículo. Com um repertório disponível, cheio de histórias e lendas a respeito dos acontecimentos anteriores à fundação de Roma, o autor consulta, seleciona e condensa episódios e, de posse de sua licença poética, funde versões (em 8 [1], tem-se a conclusão de duas versões de um mesmo episódio que foram anteriormente expostas: identificação de Recarano com Hércules e de Caco inimigo ou servo de Evandro); abrevia documentos maiores (no capítulo 17 [6], cita dez nomes de cidades de uma lista de dezoito, nomes extraídos de autores como Eusébio e Diodoro); inclui personagens ausentes nas versões conhecidas (em 1 [8], no bojo do cavalo de madeira aparece Esténelo, que ferido no pé, tinha seus movimentos

limitados);<sup>10</sup> confronta tradições (em 19 [2 e 3], à diferença da versão tradicional sobre a disputa entre Amúlio e Numitor o autor apresenta a versão pacífica da escolha de Numitor pelo ócio em detrimento do poder) e promove releituras de passagens (em 3 [3], o papel de Jano se reserva ao domínio religioso, o que seria uma nova leitura limitadora de sua função). Faz escolhas de dados de suas fontes e utiliza os testemunhos que lhe parecem mais confiáveis (em 4 [2], a etimologia segundo a qual os *carmina* devem seu nome a Carmenta é particular de Plutarco, *QR* 56, e seguida pelo autor da *OGR*). É notável seu interesse pelas etiologias (em 6 [6], a origem do dízimo a um deus, no caso em questão Hércules) e pelas etimologias (em 21 [4], origem grega do nome de Rômulo e Remo, por exemplo), das quais lança mão para explicar os nomes de cidades, dos acidentes geográficos naturais, das pessoas e dos costumes. Assim, tem-se uma obra instigadora, questionadora dos fatos e repleta de informações não canônicas, embora não perdendo de vista seu autor preferido, Públio Virgílio Marão [70-19 a.C.].

Por outro lado, essa profusão de citações de fontes e de versões na *OGR* provocando, às vezes, muita dificuldade na identificação das mesmas – por perdidas ou inventadas – leva seu autor à acusação de falsidade literária (*literary forgeries*, na expressão de Smith, 2005, p.105), uma espécie de fraude acadêmica, ou seja, o autor, com a invenção de fontes, teria o intuito de impressionar com sua propalada erudição. No entanto, o próprio Smith (2005, p.108), ao analisar a obra do Pseudo Plutarco [século I e II], reconhece que o rótulo de

---

10. Richard in Pseudo-Aurélius Victor (1983, p. 112) cita essa inclusão de personagem, chamando a atenção para os detalhes das inserções que acentuam o cuidado do autor em se diferenciar da tradição e, ao mesmo tempo, inovar com sua obra.

falsidade literária dada a uma obra deixa de levar em consideração, no entanto, a tênue linha entre a discordância dos críticos e o livre reino da imaginação do autor.

### *Do conteúdo*

A obra, “Sobre a origem do Povo Romano”, atribuída ao Pseudo Aurélio Victor, é didaticamente composta para informar não só a respeito das lendas anteriores à fundação de Roma, desde a saída de Eneias de Troia ao surgimento dos gêmeos vingadores, segundo o relato de autores diversos e, muitas vezes, divergentes; mas também sobre as origens dos costumes e tradições dos romanos. A palavra *origo* que encabeça o título traz um duplo significado: o de retratar os inícios “míticos e lendários anteriores à fundação canônica de Roma” (Richard *in* Pseudo-Aurélius Victor 1983, p.105) e também o de se apoiar na função etiológica dos mitos para explicar a fundação de cidades itálicas, os nomes das localidades e os motivos dos ritos sagrados.

A obra, em sua reorganização, parece ter sofrido muitas interferências para configurar no *corpus* tripartite. Assim, é necessário distinguir quatro estratos em sua composição atual: um texto original da época augustana – provavelmente extraído das *Res memoria dignae* (“Assuntos dignos de memória”), de Vérrio Flaco [55 a.C.-20 d.C.]; um resumo que data da Antiguidade Tardia; uma reorganização, também da Antiguidade Tardia, com o objetivo de compor uma história completa; e por fim uma reorganização medieval do *corpus*. O autor, assim, intercala, em sua narrativa, informações históricas com as etimológicas e etiológicas tais como a etimologia de *aerarium Saturni* (3 [6]), *aborigenes* (4 [1-2]),

*Faunus* (4 [4]), *Silvanus* (4 [6]), *carmenta e Carmen* (5 [2]), *Hercules* (6 [1]), *Pinarius* (8 [3]), da explicação do nome de algumas cidades fundadas por Eneias, como Enos (9 [4]), na Trácia, e Lavínio (12 [4] e 13 [4]), no Lácio; de Alba Longa (17 [1]), fundada por Ascânio, e de Roma (23 [1]), por Rômulo. É interessante observar a importância que os relatos dos escritores antigos sobre as origens de uma cidade assumiam para a comunidade. Era uma questão de identidade política, pois, “sabia-se o suficiente quando se sabia quando e como a cidade tinha sido fundada, (...) uma vez que o historiador tinha narrado sua fundação a cidade era fixada com alfinetes em seu lugar no espaço e no tempo: tinha sua ficha de identidade” (Weine, 1984, p.91).

Tradições religiosas são atribuídas a atos dos inícios, tais como a proibição da presença de mulheres junto ao altar de Hércules; o uso do véu no sacrifício do altar, que animais são consagrados ao deus Marte, a instituição de jogos, como os Lupercais (dedicados aos gêmeos albanos). Também a instituição de símbolos militares e a organização bélica, como a divisão em centúrias e seus brasões, carregados pelos manipulares. O texto contém, ainda, a origem de nomes próprios e comuns: Iulo (de Júpiter), Tibre (de Tibério Sívio, terceiro rei de Alba Longa); Aventino (Aventino Sívio, quinto rei de Alba Longa), lupanar (prostíbulo, local das *lupae*, prostitutas), Rômulo (do grego ρωμη, bravura) e Remo (associado ao substantivo latino *remores*, temporizadores). Segundo o gramático latino Festo [século IV], “*remores aues* são aquelas cujos presságios adiam uma empresa” (in Saraiva 2000, p. 1021).

Esse estilo de texto em que a narrativa é intercalada naturalmente com informações históricas, etimológicas e religiosas, remete-nos a Catão, o velho, [234-149 a.C.] e a Varrão Reatino [116-27 a.C.]. Ambos escreveram obras di-

dáticas sobre agricultura (*De Agricultura e De Re Rustica* respectivamente), no século II a.C., e procederam da mesma forma na inserção de informações. Segundo Herzog et Schmidt (1993, p. 212), trata-se de um trabalho de antiquário na medida em que traz à tona elementos do modo de vida contemporâneos (maneiras e costumes, culto e também nomes geográficos) a partir daqueles que os inventaram ou lhe emprestaram seus nomes. Além disso, embasa suas afirmações em depoimentos e relatos à sua disposição.

### *Das origens de Roma e dos Romanos*

O assunto das origens do povo romano foi muito explorado pelos escritores latinos, desde Quinto Ênio [239-169 a.C.], no século III/II a.C., passando pelo poeta Virgílio [70-19 a.C.] e o historiador Tito Lívio [59 a.C.-17], escritores do século I a.C., até os demais analistas do início da era cristã que, para relatarem a fundação da capital do Lácio, adotaram, em sua maioria, a versão oficial, de Catão, o velho, do III/II século a.C. No entanto, o historiador e especialista em etruscologia, Alain Hus (1962, pp. 153 e 161) ao afirmar, em sua obra *Los Etruscos* que “Roma foi antes de tudo uma cidade etrusca”, contesta a versão catoniana “comovente e estereotipada da Roma primitiva: os dois gêmeos, a loba e os famosos sete reis”, e dá, como razão para a negativa da origem etrusca do povo romano, o orgulho nacional:

muitos indícios favorecem a tradição etrusca contra a versão oficial de Roma, emaranhada de contradições e dados poucos prováveis que nasceram do conflito entre a realidade e o orgulho nacional: os romanos consideraram efetivamente Sêrvio Túlio como o rei maior de Roma, o

verdadeiro organizador da cidade e algo assim como seu segundo fundador: não era possível para eles rebaixar-se e confessar que tal obra havia sido realizada por um etrusco.

Para esclarecer o trecho acima, é interessante citar Bloch (1961, p. 103), pois, para ele, na verdade, Sêrvio Túlio seria “um grande monarca etrusco”, não um romano. Segundo esse etruscólogo, o imperador Cláudio no discurso que pronunciou em 48 da nossa era, “que se conserva gravado em uma tabuinha, descoberta recentemente em Lyon, nos conta que, em etrusco, Sêrvio Túlio se chamava Mastarna”. Gardner (1993, p. 40), confirmando essa tradição anti-etrusca, coloca a influência dos etruscos em Roma, como uma história alternativa, pois “muitos preferiram ignorá-la em favor de uma versão que enfatizava as admiráveis qualidades do personagem nacional romano”. A estudiosa cita também o imperador Cláudio [10 a.C.-54], que reinou entre os anos de 41 e 54, como exceção à opinião geral de repúdio às origens etruscas de Roma. Sua primeira esposa, Plautia Urgulanilla [8/9 a.C.-?], era de descendência etrusca e ele como um “antiquário perspicaz” e, provavelmente, curioso com a origem da esposa, pesquisara para escrever um livro sobre a história desse povo, baseado nos arquivos das grandes famílias etruscas.

Alguns historiadores gregos também se dedicaram a estudar a história dos povos itálicos, visto que o sul da Itália pertenceu, até à expansão do poderio de Roma à Magna Grécia. Particularmente lhes chamou atenção os etruscos, que detinham certo poderio no mar mediterrâneo, por volta do século VII a.C. Assim, Heródoto [485-425 a.C.], já no século V a.C., narra a origem do povo etrusco a partir da migração lídia, no reinado de Átis, filho de Manos. Chefiados por Tirseno, filho do rei lídio Átis, chegaram a Úmbria onde funda-

ram suas cidades. Do nome de Tyrseno deriva Tirreno, como são conhecidos também os etruscos. Dessa versão pode ter originado a narrativa sobre a migração troiana, consagrada pelos principais escritores latinos, pois, segundo Hus (1962, p. 49):

é certo que para os latinos, herdeiros dos etruscos, a lenda de Eneias podia estar enraizada em tradição semelhante, fácil de adotar posto que se procurava um apoio histórico à epopeia nacional que proclamava Roma filha da Ásia Menor e nada menos que de Troia.

Dionísio de Halicarnasso [60 a.C.- c.7], no entanto, critica essa origem pelágica ou lídia atribuída aos etruscos ao afirmar a ascendência autóctone desse povo.

Bloch (1961, p. 105), para comprovar a origem etrusca de Roma, pesquisou elementos rituais da cultura tirrena e comparou com os adotados pela Urbe:

os tarquínios usaram a coroa de ouro, o anel de ouro e o cetro. A sua veste solene foi a toga palmata (...) Da mesma maneira, a cerimônia do triunfo, celebrada depois das vitórias, sobre os inimigos de Roma, repetirá, ao longo da história romana, os ritos religiosos ordenados pela realeza etrusca quando os seus adversários eram dispersados.

### *Revisando os relatos: Impius Aeneas?*

O assim chamado Pseudo Aurélio Victor é de uma vertente de críticos da história oficial romana, tendência que se faz presente no Império, principalmente, a partir do século II. No que concerne a Eneias, seus feitos menos favorá-

veis ou, pela interpretação de alguns, seus acordos com os gregos circulavam entre analistas e antiquários como Sérvio Honorato [363-?], comentador da *Eneida*, em *Aen.*1,242; Tito Lívio [59 a.C.-17], em *Ab urbe condita* 1,1,1; e o próprio Lutácio [275-220 a.C.], citado na *OGR* 9 [2]. Havia um esforço, ao que parece, “de colocar em evidência os múltiplos laços que, no domínio da história e da religião, uniam o mundo itálico ao mundo grego” (Richard in Pseudo-Aurelius Victor, 1983, p.136), mas também um ceticismo que levantava a desconfiança de traição por parte de Eneias e Antenor. Um historiador da Lícia, Menécrates de Xanto (IV a.C.) adota a tese da traição e “acrescenta que Eneias tornou-se ‘um dos aqueus’ em decorrência da ajuda que lhes dera” (Grimal 1992, pp. 207-208). O autor da *OGR*, corroborando essa tradição, fez-se crítico da perfeição com que é narrado o heroísmo de Eneias, principalmente na *Eneida*, mas não ao ponto de negar a origem troiana do povo romano. Por isso faz questão de, ao relatar os feitos dos fundadores, arrolar versões diversas, sempre se baseando em textos anteriores de poetas e historiadores. Apesar dessa leitura de viés imparcial, o autor remete o leitor frequentemente à *Eneida*, obra épica de Virgílio [70-19 A.C.], para exemplificar os fatos. O mantuano parece representar para ele, um porto seguro, uma autoridade na história das origens prévias da fundação da cidade. E isso se justificava porque a *Eneida*, depois das *Bucólicas* e das *Geórgicas* (obras do monumento virgiliano), deu plena justificação e dimensão ao Império Romano com toda sua ritualística que Grimal (1992, p. 264) assim sintetizou:

chegada dos troianos à Itália, dos descendentes de Eneias a Roma, lutas em torno de Lavínio e de Óstia, predestinação dos Julii, vitória sobre Cartago, razões de Estado sobre a paixão, e essa continuidade que, começando em

tempos lendários, vinha a dar naquilo que todos viam: a longa linha dos triunfadores sobre o fórum de Augusto, em torno de Marte Vingador.

De fato, as viagens e os trabalhos do herói Eneias são explicitamente apresentados, na *Eneida*, como um mito nacionalista em que as origens e o destino de Roma são traçados por mãos divinas para a salvação do mundo.

### *Personagens e lugares da Itália primitiva*

Os inícios de Roma, como já o confessaram antigos historiadores como Tito Lívio [59 a.C.-17], são narrados fantasticamente com a presença de deuses, sinais celestes e predestinações. O Lácio, local privilegiado por servir de refúgio a deuses olímpicos e a famosos gregos, fora habitado por Jano e Saturno, além de divindades menores como Pico e Fauno. Recebera ainda a visita de um semideus, Hércules, que colaborou com o acervo religioso da região, ao introduzir o seu próprio culto. Fontes anteriores e contemporâneas do Pseudo Aurélio Victor escreveram muito sobre a origem mítica dos romanos e o autor da obra analisada reproduz as versões, não sem um tom de crítica e incredulidade.

A vinda de Saturno à Itália abre a narrativa do livro e o autor, ao expô-la, afirma que Jano, um deus aborígene, o recebe de braços abertos. Percebe-se pela primazia dada a um deus autóctone que o autor busca preservar as crenças nativas do total apagamento, com a invasão pan-helênica do ocidente. Assim é que ao citar o poeta Virgílio, portador da informação da chegada primeira de Saturno, o autor busca na semântica da palavra “primeiro” o significado de “mais importante”. Exemplifica também com outra passagem de

Virgílio, na *Eneida*, em que “primeiro” não indica ordem física, mas ordem psicológica.

Esse deus Jano, segundo o autor, é filho de Creúsa, princesa violentada pelo deus Apolo, e adotado por Xutho, seu marido, desconhecedor do fato, como filho legítimo. Durante o governo de Jano, então, Saturno chega ao Lácio trazendo um tempo de prosperidade para a região.

Os troianos, povo que reconhecidamente integraram a ascendência romana, chegaram ao Lácio, na época do governo do rei Latino. Antes dele, governaram Pico e Fauno, divindades silvestres. Fauno, posteriormente, foi identificado com Silvano ou Pan. No governo de Fauno, pai de Latino, Evandro Arcas e sua mãe, a ninfa Carmenta, chegam ao Lácio. Aí fundam uma aldeia, no monte Palanteu (de Pan, deus da Arcádia) e ensinam as letras aos povos itálicos, a arte de semear e de arar o solo com os bois. Carmenta tinha o dom de predizer e se encarrega dos ritos sacros. Na tentativa de integrar o universo dos deuses itálicos e gregos à história da fundação de Roma, percebe-se, por parte do autor da *OGR*, uma interpretação evemerista.

Os elementos civilizadores dos itálicos estão, portanto, definidos: deuses itálicos e gregos, homens ilustres gregos e troianos. Exemplo disso é também a marcante passagem de Hércules pelo Lácio, de retorno de um de seus doze trabalhos. Guiava um rebanho, tomado de Gerião, que foi furtado na região latina por um elemento nativo de nome Caco. Essa figura era tomada ora como um simples homem ou como um gigante (*Livro dos Pontífices*), conforme as versões apresentadas. No fim do episódio Caco é punido por Evandro ou morto por Hércules e as reses são recuperadas. Hércules, agradecido pelo sucesso da empreitada, dedicou um altar ao “Pai Descobridor”, no monte Aventino e imolou a décima parte de seu rebanho (daí encontrar-se no dramaturgo Plauto

a expressão *partem herculeam*, referindo-se à décima parte). Para a cerimônia, instituída por Hércules, foram convocados dois sacerdotes. Porém apenas um, de nome Potício, conseguiu chegar a tempo e teve como recompensa o direito, estendido aos seus, de se dedicar sempre à Ara Máxima, tradição existente até o tempo de Ápio Cláudio Cego [340-273 a.C.]. Ao retardatário, Pinário, ficou proibida a participação nesse culto. A etimologia do nome Pinário, do verbo grego *πεινωω*, “ter Fome”, explica a situação: chegou atrasado e não pôde comer a carne dos animais sacrificados.

### *Eneias na Itália*

Finalmente o autor se refere à lenda de Eneias. Aqui ele dá a palavra primeiro a Alexandre de Éfeso [50–65 d.C.] que apresenta uma versão pouco querida aos principais escritores itálicos, como Névio [270-201 a.C.], Ênio [239-169 a.C.], Cícero [106-43 a.C.], Virgílio [70-19 a.C.] e Tito Lívio [59 a.C.-17]. Segundo Alexandre de Éfeso [50–65 d.C.] a saída de Eneias de Ílio foi facilitada pelos príncipes gregos. Outro escritor, Lutácio [século I a.C.], vai mais longe ao afirmar que Eneias era, na verdade, um traidor da pátria. A saída franqueada por Agamenon permitiu a Eneias fugir com os pertences e as pessoas mais importantes para ele: as estatuas dos deuses Penates, o pai, a esposa e um ou dois filhos (versões com números divergentes). Além disso, reuniu bom número de sobreviventes para a fuga. A partir daí temos duas fundações de cidades pelo *Pater* Eneias: Enos (do próprio nome), na Trácia, e Lavínio (segundo uns, do ato de lavar; segundo outros, do nome da esposa latina de Eneias, Lavinia), no Lácio.

O périplo de Eneias é repleto de aventuras: com visitas a diversos litorais, consultas a oráculos, morte de companheiros, sepultamentos dos mais velhos, batizado de golfos e de portos.

A chegada a Laurento, terra do rei Latino, é cercada de cumprimento de presságios como o ato de comer os pratos de trigo ou salsa; a descoberta de dois rios sagrados e o episódio da porca prenhe, que pariu 30 filhotes no local prometido aos troianos. Segundo Catão [234-149 a.C.], o número de porquinhos, 30, significaram os anos para a fundação de uma nova cidade, em local fértil e rico. Em Laurento, Eneias e os seus deviam se estabelecer conforme as predições dos oráculos e sonho de seu pai Anquises. Nesse local, Eneias, como chefe e sacerdote, instituiu o uso do véu nas cerimônias religiosas, costume nascido do disfarce do capitão troiano, ao avistar as naus de Ulisses. O rei Latino o recebeu de braços abertos e lhe ofereceu bom pedaço de terra, seja porque o considerou um bom aliado, seja porque reconheceu sua impotência bélica, diante do organizado exército troiano. A princesa Lavínia foi dada em casamento ao estrangeiro Eneias, contrariando o direito do chefe local, Turno. A guerra no Lácio iniciou-se e teve como consequência a morte do rei Latino e do chefe Turno além do suicídio da rainha, Amata. Eneias é aclamado rei dos latinos e continua a guerra contra os Rútulos e o rei Mezêncio. Eneias desaparece, em meio a uma tempestade e durante uma batalha, o que suscitou a suspeita de apoteose do herói. Sua divinização foi confirmada pelo relato de visões testemunhadas pelos soldados e por Ascânio. Este, sendo filho de Eneias, torna-se rei e continua a luta contra os inimigos do pai, saindo-se vitorioso com a rendição de Mezêncio e posterior aliança com os latinos.

## *A saga da família real de Eneias*

A condição política de Iulo Ascânio incomoda Lavínia, grávida de Eneias. O nascimento da criança traz um impasse: quem deveria reinar no Lácio, o filho troiano ou o filho latino de Eneias? Lavínia escondeu-se de Ascânio e encetou a fúria do povo contra o rei que, esforçou-se por encontrá-la e trazê-la de volta com a criança. Assim que o fez, rendeu homenagens ao irmão recém-nascido. Essa versão goza da consideração de dois outros historiadores Caio César (talvez o famoso político César [101-44 a.C.]) e Sexto Gélio (talvez Cneu Gélio – [século II a.C.] que escreveu uma história de Roma desde suas origens até 146 a.C.). Uma outra diz que Lavínia só se apresentou ao povo após garantias explícitas, por parte de Ascânio, da saúde de ambos, mãe e filho.

A fundação da cidade de Alba Longa, por Ascânio, 30 anos após a de Lavínio, confirma a profecia simbolizada pela porca e sua cria. O nome Alba Longa origina-se do epíteto da porca, baseado na cor e na característica do animal. O início da cidade ficou marcado por um episódio fantástico: as estátuas dos deuses Penates transferidos, por duas vezes, de Lavínio para Alba Longa, teimavam em retornar ao seu local de origem. Por fim, os deuses foram deixados em Lavínio.

Sílvio, filho de Lavínia e Eneias, na idade própria de governar, assumiu o poder em lugar de Ascânio. Daí a descendência dos Sívios em Alba Longa até a fundação de Roma.

O autor da *De Origine Gentis Romanae* inova ao detalhar os grandes feitos ou o trágico fim de cada um dos integrantes da família Sílvia: Latino Sívio expandiu território; Tibério Sívio sustentou guerras com vizinhos; Arêmulos Sívios revoltou-se contra Zeus e foi vitimado por um raio ou por

um tremor de terra; Aventino Sílvio foi morto em combate; e, por fim, Sílvio Procas dividiu o poder com seus dois filhos Numitor e Amúlio. Numitor, o primogênito, abdica do trono em troca de indenização financeira. Assim, Amúlio reina sozinho e trata de eliminar possíveis concorrentes: mata o sobrinho, durante uma caçada, e faz da sobrinha uma sacerdotisa de Vesta. Inexplicavelmente, essa virgem vestal engravida o que, para alguns historiadores mais realistas, seria obra do próprio tio e, para outros, como Fábio Pictor [254-201 a.C.] e Venônio [século II], do deus Marte. Após o nascimento de gêmeos, a sacerdotisa é morta, segundo as leis das Vestais, e as crianças destinadas à exposição. Elas são abandonadas em um cesto no rio Tibre. A salvação é garantida inicialmente pela proteção de uma loba e depois pela acolhida de um casal, Fáustulo e Aca Laurência – versão de Ênio [239-169 a.C.] e César [101-44 a.C.]. Outros autores acrescentam que um Picanço, pássaro simbolicamente ligado ao deus Marte, também participou na proteção aos gêmeos, assistindo-os na alimentação. O escritor Valério Antias [século I a.C.] modifica um pouco o ato da salvação dos irmãos: Fáustulo, um serviçal do rei, recebeu ordens de executar os gêmeos, mas sensibilizado com os apelos do avô das crianças, entregou-os à sua amante, uma prostituta, apelidada de loba, por sua condição de meretriz. Os gêmeos são educados, então, pelo casal Fáustulo e Aca Laurência (a loba) com a ajuda secreta do avô Numitor. Rômulo, já crescido, ao saber de sua história, destrona seu tio-avô, Amúlio, e restitui o poder ao avô Numitor. Durante a celebração dos jogos Luperciais, Remo é capturado (versão do Livro II dos Pontífices), comprovando sua inferioridade diante do irmão. Rômulo organiza um pequeno exército e o liberta. A desenvoltura de Rômulo o leva a, naturalmente, pleitear a fundação de uma nova cidade onde pudesse reinar. Cria-se então outro impasse (lembrem-

se do anterior entre Ascânio e Sílvio?), desta vez, com mais elementos desafiadores, sobre o nome da cidade, seu primeiro rei e local de fundação: Roma ou Remúria? Rômulo ou Remo, rei? No monte Palatino ou no Aventino? A vontade dos deuses é consultada e Rômulo recebe melhores auspícios. O desfecho da consulta tem versões conflitantes: Remo reconhece a supremacia do irmão e se resigna com o segundo lugar no reino; ou Rômulo, diante da insatisfação do irmão e do pai de criação Fáustulo, assassina-os. A primeira versão teria sido narrada por um certo analista de nome Ignácio e a segunda pelo analista Licínio Macro [108/107-66 a.C.].

A versão do fratricídio é a mais conhecida e considerada a mais lógica por, segundo Brocher (1932, p.91), seguir a tradição da saga dos heróis primitivos:

A morte de Remo por Rômulo tem a mesma significação das provocadas por Édipo, Teseu e Perseu. Se duas cidades (fundadas pelos dois filhos de Rea) desenvolvessem próximas umas das outras, surgiria entre elas uma rivalidade incessante que teria causado finalmente a ruína de ambas. Para que Roma se tornasse a soberana do universo, ela devia ser a única a comandar. A morte de Remo era então necessária à expansão futura da cidade eterna.

Assim termina a narração do nosso autor que, nesse primeiro volume, encerra a etapa da fundação de Roma com o início da dinastia de Rômulo. A partir daí cria-se a expectativa de outro volume que provavelmente seria o *De Viris Illustribus*, segunda obra do conjunto tripartite e também atribuída, na coleção, ao assim chamado Pseudo Aurélio Victor. Dessa forma, com um segundo volume, se completaria o prometido pelo autor no início da narrativa da *OGR*, narrar os acontecimentos “De Jano e Saturno a Constantino”.

## Considerações sobre a contribuição do livro

Segundo Banchich *in Origo Gentis Romanae* (2004, p. iii), algo pode ser dito sobre as expectativas que nosso autor tinha dos seus leitores, que deveriam estar sedentos de esclarecimentos de um passado remoto e, ao mesmo tempo, contextualizados numa época em que o cristianismo fortemente impactavam suas crenças. Assim, o anônimo mostrou-se conhecedor da topografia do Lácio e de Roma; familiar ao itinerário virgiliano de Eneias e às personalidades do passado legendário da capital do Império; informado sobre os cultos e rituais arcaicos; interessado em etiologia e etimologia; versado nas fontes de autoridade da antiga Roma e suas tradições. Além disso, pressupôs ser agradável a esses leitores a apresentação de versões diferentes e explicações variadas para os mesmos fatos e, às vezes, contribuições com deduções pessoais.

Podemos transpor para os leitores atuais da *OGR* a expectativa de leitura do opúsculo relatada acima. Por estarem afastados ainda mais no tempo que os leitores do século IV das histórias e lendas narradas, podemos dizer que o leitor moderno poderá usufruir do conteúdo com certo prazer e muita curiosidade. Na verdade, a *OGR* fornece ao leitor de qualquer época um conhecimento inovador – por sua apropriação de fontes, releituras de versões e invenções verossímeis; enriquece a literatura histórico-mítica das origens do povo romano com narrativas específicas – uma vez que apresenta autores e obras conhecidos apenas pela comunidade de gramáticos e pesquisadores de Virgílio [70-19 a.C.]; resume em poucos parágrafos muitos séculos de relatos – de Jano a Rômulo e Remo; e preserva a tradição e os valores culturais de uma Roma já em decadência. Com todos os problemas

que apresenta de descontinuidade de relatos, de descompasso com outros trabalhos afins, de não localização de algumas de suas fontes ou de falhas em fazê-lo devido à distância de suas fontes originais é correto afirmar com Smith (2005, p. 111) que é um trabalho “genuíno e único de um erudito pagão do IV século”. E essa originalidade é resultado exatamente dos problemas supracitados: é na costura de relatos e nas soluções das lacunas que o autor se torna único e original! Richard, na introdução do livro atribuído ao incerto Pseudo Aurélio Victor (1983, p. 62), após apontar pontos negativos na postura do autor na construção da obra, admite que “as reminiscências inseridas aqui e ali bastam para estabelecer que ele quis fazer obra pessoal e literária, em suma, imprimir sua marca ao material que tomou emprestado de suas fontes”.

Uma leitura alegórica cristã de um episódio da *OGR*, capítulo 14 [4], em que Eneias, após sua apoteose, “fora visto por Ascânio e por alguns outros na margem do rio Numico, com o mesmo traje e armas com que marchara para o combate” confirmando, assim, a fama da sua imortalidade, nos permite ver, segundo Banchich in *Origo Gentis Romanae* (2004, p. iii), “uma alusão ao relato evangélico da aparição de Jesus após a crucificação para seus seguidores, uma espécie de piada interna para a diversão de seus leitores eruditos”. De fato, no século IV, época provável da escrita desse opúsculo, havia forte influência da moral cristã “que penetrou largamente nas instituições e nos costumes” (Dufraine in *Aurelius Victor*, 1975, p. XLI). No entanto, é também perfeitamente conjecturável que, diferentemente do afirmado por Banchich no final do trecho supracitado, essa alegoria não se prestasse à jocosidade de leitores eruditos, mas funcionasse como uma séria “representação simbólica de verdades transcendentais”,

conforme estudos de Toohey (1992, p. 216),<sup>11</sup> tão ao gosto do que se fazia com os textos pagãos greco-romanos na Antiguidade tardia. A *Eneida* mesmo, durante a Idade Média, foi interpretada alegoricamente e seu autor considerado o último dos profetas (sirva de exemplo a interpretação da *Bucólica* IV). Chega-se assim a análises místicas da viagem e da luta de Eneias: o périplo e as aventuras do herói troiano, segundo Paratore (1983, p. 411), “simbolizavam as provas e as tentações da alma, antes da sua salvação”.

Por fim, é interessante ressaltar que, com Virgílio [70-19 a.C.], o anônimo busca reiterar a origem múltipla do povo romano que traz, em sua formação, elementos gregos, etruscos e itálicos. Em prol do nascimento de Roma, “deram sangue todas as populações residentes na Itália, mesmo as não itálicas, os Etruscos, os Gregos, que combatem ao lado de Eneias” (Paratore 1983, p. 397). A importância maior, naturalmente, é dada ao aporte grego que, nos inícios das mais antigas cidades do Lácio, se verifica nos personagens e contribuições de Jano, Saturno, Carmenta, Evandro e Hércules, todos eles com papel civilizador em relação aos nativos. Seguindo Varrão, o autor da *OGR* se revelou um evemerista<sup>12</sup> ao apresentar Jano como um príncipe grego e Hércules, identificado como Recarano, um simples pastor grego.

- 
11. Toohey (1992), em seus estudos da literatura clássica greco-latina na Antiguidade Tardia, nos apresenta uma interpretação alegórica contemporânea de uma miniatura épica, *Hero e Leandro*, do professor Musaeus, escrita no IV século, feita em três níveis: o superficial, o moral e o teórico ou teológico.
  12. Richard in Pseudo-Aurélius Victor (1983, p. 57) dá mais detalhes do evemerismo do autor da *OGR*, cuja interpretação realista dos fatos busca dar um ar histórico aos acontecimentos relatados pela tradição, muitas vezes com o auxílio da mitologia, e leva à desmitificação da divinação humana.

## *Sobre a tradução do texto*

Essa tradução, primeira de que se tem notícia em língua portuguesa, foi feita a partir do texto em latim da edição Teubner (1911) de Franz Pichlmayr. Tal texto que faz parte do *Corpus Scriptorum Latinorum*, e está disponível no site do *Forum Romanum* (endereço na bibliografia), foi inserido nesse sítio por Igor Makhankov (2000).

Busquei acompanhar, na tradução, o texto latino, linha a linha, preservando seu conteúdo informativo e as ideias do autor, mas sem deixar escapar a fluência do português. O texto em latim não apresenta grande dificuldade de tradução, facilitada por sua tipologia narrativa em prosa; temática relativamente bem conhecida e simplicidade sintática das construções. Priorizei, assim, a fidelidade ao conteúdo e trouxe para o português uma tradução fluida e de fácil entendimento, sem trair o estilo do autor que é simples, objetivo e direto em seus relatos.

Inseri notas de fim para esclarecer, *lato sensu*, a identidade dos historiadores e antiquários citados e para informar sobre as referências míticas, históricas e literárias.

## *Observações sobre a edição teubneriana*

Ao proceder à tradução da *OGR*, tomei o cuidado de fazer o cotejo do texto da edição teubneriana com o da edição *Les Belles Lettres* (1983) e percebi algumas divergências existentes entre esses dois textos originais que podem ser divididas em dois grupos: 1) divergências de grafia geradas, certamente, no processo de transposição de arquivos e 2) pequenos trechos em que há diferença na ordenação de

palavras e omissão, na edição teubneriana, de alguns versos citados de Virgílio, o que não prejudica a tradução, nem esvazia o conteúdo do livro.

Segui a edição teubneriana, no que concerne às divergências (grupo 2) das edições citadas, sobre a não inserção de alguns versos de Virgílio e traduzi conforme o texto do Latim (adicionei a localização, na tradução, dos versos de Virgílio, para verificação dos leitores).

Quanto ao primeiro grupo, apresento abaixo, para que o leitor tome conhecimento, uma tabela com as grafias registradas no texto latino, o local em que ocorrem e a forma considerada correta para a tradução. Como percebi que alguns vocábulos latinos divergiam da lógica morfossintática do léxico da língua do Lácio, no que diz respeito à troca de vogais, atribui esse fenômeno a um provável problema de desconfiguração na postagem do texto no *site*. Em razão de o texto seguir as declinações padrões da Gramática Latina, essa hipótese me pareceu ainda mais consistente, visto que muitas trocas de vogais acontecem na terminação das palavras e que não nos permitem identificar como característica da época da escrita. Acresce-se a isso que algumas alterações de vogais transformam um vocábulo em outro, desarrazoado para o contexto (*portas Caietae* por *portus Caietae*). Há também, vocábulos com partes grafadas incorretamente, resultado, a meu ver, de incompatibilidade técnica entre arquivos, em que se verificam, dentre outros, os seguintes fenômenos: 1) metátese, com transposição de segmentos no interior da palavra (*pecnuiam*); 2) desconfiguração do ‘m’ final em ‘ni’ (*etiani*); 3) troca do ‘C’ inicial por ‘G’ (nesse caso, como outras ocorrências da mesma palavra, *Carmenta*, no texto Teubner, têm o ‘C’ inicial, ficou fácil o entendimento de problema pontual); 4) ‘n’ em lugar da marca de *perfectum* ‘ui’ (*insinuant*); 5) ‘ii’ em lugar de ‘n’ (*coiitroversiae* por *controversiae*); 6) o verbo ‘est’ grafado como ‘eat’ (‘a’ por ‘s’); 7) variação de registro do acusativo latino com o

do grego (Misenum); 8) contradição no nome da cidade da Campânia, perto do lago Averno que seria ‘Cimmerium’ não ‘Cimbario’.

Esse entendimento de desconfiguração técnica ocasionada pela incompatibilidade de arquivos se fez ainda mais claro, não só pelo cotejo com aos textos de outras edições, mas também pelo fato de que a maioria das palavras listadas aparecem grafadas corretamente em outras passagens do texto da edição teubneriana. Assim, lancei mão das seguintes formas gramaticais para traduzir os trechos em que as palavras a seguir aparecem com equívocos:

Palavras como aparecem no texto da edição teubneriana (1911)	Localização	Correspondente com correção gramatical
<i>Livias</i>	última linha do prefácio	<i>Livius</i>
Edites	1 [2]	<i>Editos</i>
aedes	3 [6]	<i>sedes</i>
pecnuiam	3 [6]	<i>pecuniam</i>
etiani	3 [8]	<i>etiam</i>
<b>Garmentam</b>	5 [2]	<i>Carmentam</i>
insinuant	3 [4]	<i>insinuauit</i>
hospitia	6 [2]	<i>hospitis</i>
bovea	6 [2]	<i>boves</i>
regea	6 [6]	<i>reges</i>
candis	7 [2]	<i>caudis</i>
comporta	7 [4]	<i>comperta</i>
Potitiia	8 [4]	<i>Potitiis</i>
nes	8 [5]	<i>nec</i>
gestanc	9 [1]	<i>gestans</i>
eat	9 [6]	<i>est</i>
<b>Misenum</b>	9 [6]	<i>Misenum ou Misenon</i>

Sibyllani	10 [1]	<i>Sibyllam</i>
<b>Cimbarionis</b>	10 [1]	<i>Cimmerium</i>
portas	10 [3]	<i>portus</i>
Laureus	10 [5]	<i>Laurens</i>
menais	12 [3]	<i>mensis</i>
agram	13 [1]	<i>agrum</i>
suspense	13 [2]	<i>suspensio</i>
ei	13 [4]	<i>ex</i>
proelia	14 [2]	<i>proelii</i>
fasoque	15 [3]	<i>fusoque</i>
recuperatem	16 [3]	<i>recuperatam</i>
Itadue	17 [3]	<i>Itaque</i>
scriptam	17 [3]	<i>scriptum</i>
ab universia	17 [4]	<i>ab universis</i>
affirmanfisque	20 [1]	<i>affirmitisque</i>
submimstrante	21 [3]	<i>subministrante</i>
hommes	22 [3]	<i>homines</i>
signe	22 [3]	<i>signo</i>
viculis	22 [4]	<i>vinculis</i>
coiitroversiae	23 [1]	<i>controversiae</i>
Romulua	23 [3]	<i>Romulus</i>
exitiam	23 [5]	<i>exitium</i>